

Facas, Garfos e Colheres ***

António Lobo Antunes

Quando me convidaram para vir aqui, eu achei curioso terem pedido a alguém que nada sabe de educação, à parte uma experiência muito breve no ano de setenta e cinco na Faculdade de Medicina, em que fui Assistente uns breves meses e desisti, porque estava cansado. Era uma época de grande efervescência, como sabem, em que todas as doenças tinham origem na luta de classes, desde a úlcera gástrica até à sífilis, portanto era um pouco difícil ensinar a pouquíssima medicina que eu sabia a pessoas que estavam mais interessadas no proletariado e portanto desisti rapidamente.

Em todo o caso, julgo que a primeira vez que tomei contacto com a palavra educação foi ao ler um desses livros de que o Hemingway tinha um segredo, em que mistura ensaio com ficção, com considerações sobre literatura e com ataques aos escritores de que não gostava, e que, provavelmente, tinham mais talento do que ele. É um livro chamado *Morte à Tarde*, sobre o duelo entre o Dominguíñ e o Antonio Ordoñez, e é entremeadado daqueles diálogos que eram habituais nele, em que usa um interlocutor para expor as suas ideias sobre a vida, sobre a política, sobre a literatura. Ele está a ter um diálogo com uma senhora de idade, suíça, que lhe pergunta se acredita na educação, e ele respondeu que não. Que não acreditava na educação, que apenas acreditava no conhecimento. Eu era filho dum professor e li isto com catorze, quinze anos, fiquei perplexo e pus-me a pensar: será que a educação leva ao conhecimento, será que o conhecimento leva à educação? Foi uma pergunta que me deixou perplexo e embaraçado. Qual era a diferença entre educação e conhecimento? E depois, ainda mais tarde, qual era a diferença entre ensino e educação?

É óbvio que para responder a isto apenas posso falar por mim. E aquilo que eu tinha para poder reflectir sobre isto era a minha própria vida. E daquilo que me lembrava, da minha própria vida, aquilo a que chamavam educar-me, era um sistema de interdições sucessivas. E de perguntas sem resposta. Ou seja, "senta-te direito", e depois coisas ainda mais assombrosas: "Não podes pôr os dedos na tomada da corrente". E eu começava a perguntar: Porquê? "Porque dá um choque". E o que é que acontece com o choque? "Podes morrer." E o que é a mor-

te? E aí havia um silêncio completo. Ou então a resposta, habitual, "quando fores crescido vais aprender". O que é facto é que cresci e continuo sem saber o que é a morte. Portanto, a educação para mim era um sistema duplo de interdições e de perguntas que não eram respondidas. E era a isto que se chamava educação.

Entretanto, para tentarem aperfeiçoar o embrião que eu era, os meus pais colocaram-me numa escola onde pontificava um grande educador. Era a escola do senhor André. Isto passava-se num bairro periférico. O senhor André era um grande educador porque era conhecido pelo facto de os alunos dele nunca reprovarem. E, de facto, nunca reprovavam. E o senhor André educou-me o essencial, ensinou-me o essencial, que era marcar o livro de leitura com muita força para, quando no exame da quarta classe o professor me mandasse abrir, eu abria o livro, caía naquela página que eu já tinha decorado. Era o Alexandre Herculano, um fragmento das *Lendas e Narrativas*. Portanto eu respondia e os sistemas de educação do senhor André para os meus pais eram magníficos. Isto era apimentado com largas distribuições de bofetadas e, de facto, a educação era espantosa. Era feita com uma régua e ainda hoje sei. Por exemplo, ele perguntava: "As serras do sistema galaico-duriense?" e, se eu ficava calado, ele pegava na régua e dizia: "Peneda, Buçaco, Gerês, Larouco, Falperra. E as serras entraram todas na minha cabeça. Eu e os meus irmãos ainda hoje, às vezes, fazemos concursos com os rios de Moçambique: Limpopo, Incomati, Save, Buzi, etc. Isto foi de facto uma educação excelente, porque eu saí da escola do senhor André a saber tudo e passei brilhantemente no exame da quarta classe, porque lá abri a página do Alexandre Herculano que muito espantou os examinadores. Ora bem, o que eu senti em relação a este homem era um medo pânico, porque aquela régua era tremenda. E era, ao mesmo tempo, um homem muito curioso, porque quando não estava a bater-nos estava a tirar pêlos do nariz. E, "como é que são as conjunções?" E o que é facto é que aquilo era tão repelente que eu sabia as conjunções todas.

E daqui os meus pais entendiam, por questões de autoridade, que se devia passar imediatamente para as escolas oficiais. Sempre andei em escolas oficiais. E então fui transportado para o Liceu Camões. Aí defrontei-me com uma outra forma de educação que nunca mais me posso esquecer, a Mocidade Portuguesa. Porque entrei, fardaram-me e deram-me uma coisa que se chamava "Os Pre-

ceitos do Bom Filiado”. Aquilo tinha um sétimo que eu não compreendia, porque tinha dez anos, e que era: o ”bom filiado é aprumado, limpo e pontual”. Eu não era limpo, porque detestava lavar os dentes, não era nada pontual e muito menos aprumado. Mas o que me intrigava era o primeiro, que dizia: ”O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias da vontade. Eu confesso que ainda hoje não compreendo isto. Não sei o que são vitórias da vontade, e muito menos sucessivas, e não sei em que medida é que isso me educa. Tanto mais que, quando eu vinha de eléctrico, com os outros miúdos, o que eu ouvia das pessoas crescidas, sobretudo do guarda-freio, era “é esta a educação que lhes dão na escola?”, o que me provocava uma tensão insuportável, porque fazia um tremendo esforço para corresponder à ideia do bom filiado, e às sucessivas vitórias da vontade, no que o reitor me ajudava, com algumas faltas de castigo que iam enervando os meus pais. Ao mesmo tempo achava estranho que me perguntassem se era essa a educação que lhes davam na escola, e quem perguntava isto eram senhores que diziam, na minha opinião, algumas ordinarices às senhoras que vinham no eléctrico. E não percebia muito bem, como é que podia coexistir nos mesmos homens, por um lado, esta necessidade, esta vontade de que eu tivesse educação e fosse calado e, por outro lado, as ordinarices e as mãos aventureiras que eles iam lançando no eléctrico.

Ao mesmo tempo, eu tinha tido a sorte de ter um avô que, aparentemente, tinha tudo para não se gostar dele. Era oficial de cavalaria, salazarista, conservador, tinha feito a revolução monárquica de mil novecentos e dezoito, militarista, e era a pessoa melhor que eu encontrei. E aí eu compreendi uma outra coisa, porque pela primeira vez era uma pessoa cuja autoridade eu aceitava. Porque não confundia firmeza com violência, como acontecia em casa dos meus pais, onde a firmeza era feita quase sempre à custa de violência, de ameaças e de mãos no ar. Ele nunca me tocou com um dedo. A sua presença era tão natural e a sua autoridade era tão natural porque era extremamente afectuosa, não deixando de ser firme. Eu lembro-me de ele me pôr várias vezes fora do carro e que ao mesmo tempo me deu a coisa mais miraculosa da minha vida, que foi uma viagem através da Europa, de carro, para ir fazer a primeira comunhão a Pádua. Nunca mais me hei-de esquecer de passarmos um mês de automóvel, os dois, eu tinha seis anos, isto era em mil novecentos e cinquenta, era o Ano Santo - Espanha, França, Suíça, Itália. Ao mesmo tempo e pela primeira vez eu compreendi que o importante era colocar os afectos dentro da inteligência, integrar os

afectos e a inteligência e o equilíbrio, que me permitia a mim a aceitação do não sem remorso, sem zanga, sem má vontade, sem fúria com ele. Foi uma aprendizagem, uma relação que durou até à morte dele, magnífica. Havia uma frase que ele dizia, que me ensinou muito sobre a vida, que era "tu ainda não tens idade para viveres os teus defeitos". Era uma frase muito curiosa porque, até certo ponto, retratava e resumia bem aquilo que se deve dizer a uma criança. Era um homem que não impunha interdições. Que não dizia "isso é mal feito" ou "isto não se faz". Dizia somente "isso é burro", "isso é estúpido". E, depois sabia dar-me as calorias de ternura que, por razões de autoridade, os professores, obviamente, não davam. O que tinham feito de mim era apenas uma espécie de papagaio revoltado.

Depois daqui eu vou para a Faculdade. Por razões várias entrei na Faculdade de Medicina com dezasseis anos, e foi tremendo, porque aí havia um ensino universitário, na altura, ao qual o meu pai pertencia. O ensino universitário na Faculdade de Medicina, no ano em que eu entrei, em 1959, era extremamente hierarquizado. Havia a aula magistral, que o professor dava uma vez por mês, muitas vezes a seguir ao almoço, falava baixo e escrevia a giz atrás dele. E passei a Faculdade a jogar xadrez, a escrever versos e a jogar hóquei em Patins. Na altura jogava no Benfica, e não ia às aulas. Era um ensino para mim muito difícil, porque era todo feito no cadáver. Eu nunca tinha visto um cadáver na vida, lembro-me da primeira vez que entrei no teatro anatómico, era um miúdo, e pensei "eu nunca serei capaz de mexer nestes cadáveres". Ainda por cima tudo aquilo era tremendo, o teatro anatómico é uma coisa assim grande, com aquelas tinas rotas de mármore, onde estavam os cadáveres. Tinha um empregado que trazia o carro onde vinham os cadáveres, os alunos estavam lá fora à espera e esse empregado chegava e dizia: "Meus senhores, está a sopa na mesa". Na altura havia uma organização de senhoras que enterravam os cadáveres dos doentes que morriam no Hospital de Santa Maria e que não tinham quem lhes fizesse o funeral. Isto era em 1959. E algumas senhoras enterravam essas pessoas, de maneira que não havia cadáveres, mas sim uma perna, um braço, uma cabeça serrada ao meio, a gente tinha que estar a dissecar aquilo. Havia um dedo muito peludo do professor, que avançava assim pequenino, a apontar: "Que nervo é este?" - Eu sabia lá que nervo era, os cadáveres tinham um ano de frigorífico, era um cheiro horrível a formol.

No entanto, foi na Faculdade de Medicina que tive alguns mestres extraordinários. Naquela altura havia uma grande tradição dos médicos humanistas. Eu ainda conheci o Professor Egas Moniz, que o meu pai tratava por mestre e de quem foi assistente. Conheci-o, era um homem impressionante, com as mãos todas deformadas pela gota, e um capachinho, que me fazia muita confusão. Lembro-me de o meu pai contar mais tarde muito emocionado, (o Professor Egas Moniz, o mestre como ele dizia, terá morrido pelos meus sete, oito, nove anos) que em casa a mulher dizia: "Antoninho" – ele chamava-se António – "Antoninho, porque é que não tiras o capachinho?" Ele em casa tirava o capachinho e punha um barrete de seda. E o meu pai contava com grande emoção que ele respondia sempre: "Antes de morrer, eu tiro o boné." E meia hora antes de morrer – e aqui a voz do meu pai começa a gaguejar – ele tirou o barrete que pôs no chão. A recordação que eu guardo desse homem, que era um homem notável, é a de um homem extremamente afectuoso. O problema era se me tocava, os dedos eram tão deformados que para um miúdo pareciam os de uma bruxa daqueles filmes do Walt Disney, com os dedos todos torcidos. Mas lembro-me do sorriso dele, e de o meu pai contar – o meu pai quando começou a trabalhar com ele tinha vinte e quatro anos – que ele começou a fazer investigação com cinquenta e nove anos, como sabem é muito tarde, até então fez tudo menos medicina. Criaram a cátedra de neurologia em Lisboa para ele, que vinha de Coimbra e que aceitava as sugestões dos jovens internos, até dos alunos. O meu pai conta sempre que, depois de ele ter ganhado o Prémio Nobel da Medicina, era um homem que tinha faísca e tinha uma imensa intuição, que achou que a penicilina curava os tumores e que foi muito difícil demovê-lo dessa ideia. E, no entanto, era uma pessoa que aceitava, com imensa humildade – devia ser uma mistura muito estranha de vaidade e de humildade – as sugestões que os jovens alunos lhe faziam.

Mas eu penso que a pessoa mais fascinante que encontrei na Faculdade, onde havia homens notáveis, foi o Professor Cid dos Santos. Eu nunca ia a aulas nenhuma. Ia às aulas dele todas, para além da imensa facilidade verbal e de uma enorme elegância e de um poder de sedução incrível, numa pessoa a quem a natureza não tinha dotado de grande beleza física, foi talvez a pessoa mais encantadora que eu conheci. Tive o privilégio não só de ser aluno dele, como de ser um interno dele, porque eu na altura queria fazer cirurgia e foi o que fiz até ir para África. Era o único português que era membro do Royal College of Surgeons, que na altura tinha revolucionado algumas técnicas da cirurgia vascular.

Eu chamei a esta conversa "facas, garfos e colheres", porque é o título do principal trabalho dele sobre cirurgia vascular. É um trabalho pioneiro, uma técnica pioneira, que era usada, por exemplo, por Michael de Bake e por outros grandes cirurgiões norte-americanos, e que tinha sido inventada e criada pelo Professor Cid dos Santos, que era um homem notável. Ele telefonava para o Serviço e dizia: "Daqui fala o João". E toda a gente o tratava, no Serviço que ele dirigia, o Serviço de Clínica Cirúrgica, pelo Professor João. Julgo que nunca me foi tão fácil aceitar a autoridade de alguém como a daquele homem, cuja educação e ensino eram feitos duma partilha, de humor, de entusiasmo. Morriam muitos doentes com aquelas operações, mas morriam contentes, porque ele pegava nas pessoas, tinha uma maneira de tocar, que eu acho que ainda hoje nunca vi ninguém saber tocar numa pessoa como ele sabia. Havia um contacto físico entre ele e as pessoas e entre ele e a vida, e acho que, se alguma coisa aprendi, aprendi com ele, porque ele tinha uma qualidade humana que eu não possuo, foi a de como ensinar e educar. Tem muito mais a ver com o exemplo, com o afecto – era homem de uma grande firmeza ao mesmo tempo. Nunca o vi ser violento, nunca o vi ser duro com ninguém. Ao princípio eu achava que nas aulas magistrais em que o Professor extraordinário, o Professor agregado, e os Primeiros Assistentes, iam todos assistir às aulas dele, e eu pensava que estavam ali naturalmente para engraxar o Professor catedrático, porque havia obviamente uma luta pela sucessão. E não era de facto, existia um amor real por aquele homem. Foi talvez o sítio onde me deu mais prazer trabalhar.

Estava eu neste doce enleio, quando fui chamado para a tropa. E aí é um outro tipo de educação. A educação estava nos cartazes, em Mafra, do género "o soldado português é tão bom como os melhores", por aí fora. Seguiu-se depois a ida para a guerra. Aí foi curioso porque a companhia onde eu estava foi a que teve menos baixas do batalhão inteiro. O capitão era o Ernesto Melo Antunes. Eu revoltava-me imenso contra a disciplina que ele impunha, porque – isto em plena mata, na areia, no arame farpado, éramos quatro oficiais – obrigava-nos a pôr a farda número dois, com gravata e blusão, para jantar. Obrigava o ordenança que servia na messe a pôr casaco branco com botões dourados. Eu dormia numa coisa isolada, num canto e não queria dormir sozinho, porque tinha medo de ser apanhado à mão, estava mesmo ao pé do arame farpado, eu queria dormir com o furriel enfermeiro, e dizia que não, porque um oficial não dorme com um sargento. Isto não fazia para mim nenhum sentido na altura. E comecei a compre-

ender que esta disciplina que ele me impunha fazia com que a companhia dele tivesse dez vezes menos baixas do que as outras, porque não era só aqui, depois era nas saídas para a mata, tudo.

Havia uma disciplina completamente implacável. E talvez seja por isso que a nossa amizade foi tão grande – eu nunca tinha sido capaz de o tratar por tu, olhava sempre para ele como o capitão, e, apesar dos esforços dele, nunca fui capaz de o tratar por tu. Era um homem que foi muito importante, aprendi muitas coisas sobre a vida, mas aprendi sobretudo de que forma é a autoridade necessária na educação, porque julgo que é impossível educar sem autoridade. Sem autoridade aceite. Nós revoltamo-nos contra a autoridade imposta. E, no entanto, a esse homem, nas circunstâncias muito duras, quase dramáticas por vezes, nós aceitávamos a autoridade dele. Mesmo que não estivéssemos de acordo. Era um homem pouco dado a emoções, eu lembro-me de o ver chorar uma vez que um rapaz nos morreu. Havia uma – como é que eu posso exprimir isto em palavras, estou a falar de coisas que são anteriores às palavras. – uma educação de facto, porque era uma educação para a vida, num homem que estava abertamente contra aquela guerra. Era um homem que nunca era cruel, que é uma coisa que nós portugueses somos muito. Estava-me a lembrar da mulher do Edmond Constant, falando do Toulouse-Lautrec, ela dizia: “é tão baixinho que quando olho para ele tenho vertigens”. Isto é um tipo de maldade que é muito portuguesa.

Nestes educadores (tirando o senhor André com os portos de Espanha, “Barcelona, Tarragona, Cartagena” – ainda sei todos... –) tudo era feito de uma forma que eu realmente admirei e respeitei na minha vida, e cuja autoridade aceitei, tudo era feito com imenso respeito. Mas com uma firmeza da qual eles não abdicavam. Lembro-me duma ocasião, na guerra, em que o alferes do pelotão de minas e armadilhas, o pelotão número dez, se recusou a sair para a mata. E o que aconteceu foi que o Ernesto Melo Antunes se atirou a ele com a pistola. Raras vezes vi a cara duma pessoa ficar naquele estado. E eu perguntava-lhe, porquê? Ele nem sequer respondeu. E de facto eu compreendi porquê.

Porque não podia ser doutra maneira. Foi preferível aquilo, o alferes saiu, é evidente, depois de eu lhe ter posto, não sei quantos montes de algodão e adesivo. Era a única forma, porque ali era um problema de sobrevivência, como a vida. E talvez tenha sido com ele que eu tenha aprendido a encarar as coisas sem sub-

terfúgios – de face, de frente, como com o Professor Cid dos Santos e com tantos outros professores da Faculdade de Medicina.

Lembro-me do Professor Belo de Moraes, que era um professor, para além de ser um homem encantador, e que no princípio da primeira aula dizia: "Fui modelo em Paris". E que usava camisolas azul-bebé e blazers, numa altura em que isso não era muito frequente, isto em princípio dos anos sessenta. Quando eu estava a tentar ajudá-lo numa operação e estava curvado, de disse "isso é uma posição de polícia, não é uma posição de cirurgião". Portanto era preciso operar direito, com os braços estendidos, o que, para ele, e para a maior parte dos outros cirurgiões também, é muito curioso: havia uma atitude estética.

Aliás, quando é uma equipa boa a operar, uma sala de operações é fascinante, parece um bailado, em que toda a gente sabe o que tem de fazer, é muito bonito de ver. E isso consegue-se obviamente com treino, com disciplina e também com a aceitação da autoridade do cirurgião. Lembro-me perfeitamente de o Professor Abel de Moraes me dizer "isso é uma posição de polícia, não é uma posição de cirurgião. Houve duas coisas que ele disse. Uma outra coisa que me marcou foi que eu não sabia nada no exame dele, era medicina operatória, não respondi a uma pergunta, e ele no fim do exame disse – o anfiteatro cheio de colegas – "Olha filho, tens treze e diz lá ao teu pai que não pode ser mais". Ainda hoje me lembro que o meu pai nem sequer tinha falado com ele. Mas era um homem que chamava os alunos pelas cunhas, tipo "o senhor bispo de Braga"..., e ao fim as cunhas desapareciam imediatamente, porque era impossível as pessoas irem fazer exames com um homem que apresentava o senhor professor não sei quantos, e chamava assim os alunos para os exames. Depois tive o privilégio de ser interno dele e de ter dito ao Professor João Rafael (Belo de Moraes): então o meu pai nem sequer tinha falado consigo, "mas não te fez mal nenhum ouvires isto, filho".

Eu falei tudo isto para partilhar convosco um pouco todas as perplexidades que tenho, porque tenho três filhas – uma já é professora, coitada, e lembro-me da profunda perplexidade com que assisti ao crescimento delas. E ainda por cima perderam a mãe, de maneira que eu fiquei sendo pai, mãe, e tudo, sem saber muito bem o que fazer até compreender que a minha posição deveria ser muito mais uma referência onde elas pudessem saber que eu existia, que eu estava ali

disponível para as ouvir. Que tentava, que sobretudo tentava não julgar. E que aceitava o que diziam.

Eu ontem estava a pensar como é que havia de acabar esta conversa e estava a ler um escritor que sempre me assombra, que é o Joseph Conrad, que é um escritor que não é para ser – como é que eu hei-de dizer? – não é para ser compreendido nem para ser analisado é para ser apanhado como uma febre. Eu acho que a grande literatura é isto: tem que ser apanhada como uma febre. E ele diz a páginas tantas num livro espantoso chamado *Heart of Darkness*. O *Coração das Trevas*. que a única coisa que a vida nos pode dar é um certo conhecimento de nós mesmos, que chega sempre tarde demais. Aparentemente isto é pessimista, mas eu tenho reparado que na vida é quase sempre isso que acontece. E que acabamos, se tivermos sorte, por aceder a um certo conhecimento de mesmos que, na maior parte dos casos, chega sempre tarde demais.

Agora, as minhas interrogações básicas, e a que saberão certamente responder muito melhor do que eu, continuam: O que é a educação? Qual a diferença entre educação e ensino? De que maneira se pode introduzir a criatividade dentro da educação? De que maneira lidar com a autoridade, que é necessária à educação? Eu julgo que um dos dramas de hoje é que ou demitiram ou os professores se demitiram da autoridade. Quando ia buscar as miúdas ao liceu, assistia a cenas patéticas, de violência contra uns pobres professores apavorados. De quem será a culpa disto? Porque é impossível educar sem autoridade. É impossível educar sem firmeza. Até que ponto é possível fazer isto? De que maneira é que é possível fazer isto? Eu não tenho resposta. Apenas tenho algumas perguntas que, durante muito tempo, me perturbaram, quer enquanto vítima quer depois enquanto pai ou no breve período em que tentei ensinar ou enquanto oficial no exército, por exemplo. E não sei, não tenho resposta para isso. Há-de haver, forçosamente. Para mim, estes são os grandes problemas essenciais e são tão simples. O que é ensinar, qual é a margem para a criatividade, para a invenção, para a subversão? Até que ponto a subversão é também uma forma de educação? Até que ponto a indisciplina será uma forma de educação? Será que vão continuar a existir os senhores Andrés deste mundo a meterem-nos as coisas assim dentro da nossa cabeça? E que depois o que provocam é uma profunda revolta e um profundo ódio – pelo menos provocaram em mim. O que fazer? Eu não te-

nho, como disse, nenhuma resposta. Parece-me que, quando eu aprendi, e quando me senti educado, foi por pessoas que eu respeitava e que eu admirava.

Como é que podemos respeitar quem ensina? De que forma quem ensina se pode dar ao respeito? Ao respeito é uma palavra horrível, pareço uma mulher-a-dias a falar, mas de que maneira é que quem ensina o pode conseguir e o pode fazer? Portanto, sou apenas um homem que tenta escrever livros e que sai deles como quem sai duma doença, admirado por estar vivo, e que de vez em quando se interroga sobre estas coisas, sobre estes assuntos, sem encontrar uma resposta que certamente terão, muito melhor do que eu.

*** O texto “Facas, Garfos e Colheres”, gentilmente revisto pelo escritor António Lobo Antunes para este primeiro número da Dobra, foi, inicialmente, proferido pelo autor como comunicação oral, em Novembro de 2001, na abertura da Conferência Internacional “Espaços de Educação. Tempos de Formação”, e publicado, no mesmo ano, pela Fundação Calouste Gulbenkian, que autorizou à Dobra a publicação do texto, agora revisto.

NOVOA, António, *et al. Espaços de Educação. Tempos de Formação*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.